O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 36.º — Sábado, 27 de Março de 1943 — N.º 1777

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração: Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL, R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário: *Arnaldo Ribeiro*

Editor e Administrador: Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

CONTRA A ROTINA

Em tôdas as terras da província há um profundo bairrismo pelos interêsses regionais de que são fiadores os homens que dirigem a administração local. São, em regra geral, por êsse país fóra, os *homens bons de Portugal*. O seu nome anda ligado às velhas corporações e confrarias, à administração da justiça, à benemerência individual e ao progresso colectivo.

Honra lhes é devida.

A-pesar disso, por influência do meio provinciano umas vezes, vítimas de despeitos locais outras, surgem entraves às iniciativas, desvirtuam-se as intenções mais honestas, numa rotina cega com que é preciso acabar. Se muito se tem feito nesse sentido—como o preteadeu e conseguiu o Código Administrativo—é preciso levar ainda a muitos recantos, com lufadas de modernismo, aquilo que de beleza e confôrto o progresso possa oferecer.

Os diplomas legais, atribuindo aos presidentes das Câmaras mais latos poderes dão também a quem da sua aplicação beneficia a confiança de que os pequenos centros devem acompanhar, na relativa medida de possibilidades, o progresso citadino. As cidades darão o exemplo: as vilas hão-de segui-lo, ainda que—importa frizar esta circunstância—sem perderem de vista a originalidade, o sabor próprio, que o regionalismo imprime às coisas e às pessoas.

Lisboa comemorou, há pouco, o cinqüentenário de Rosa Araújo. Deve-lhe, entre outras coisas, a Avenida da Liberdade.

Se a cada presidente da Câmara ou de Junta de Freguesia, munícipes ou paroquianos devessem uma rua, uma estrada ou um simples caminho, recordação deviam a seus nomes também. Faz-se mister lembrá-los—porque lutaram contra a rotina, levando aos lares da província um pouco de bem estar.

Nas dedicações anónimas da administração repousa o Bem Comum de todos nós.

Os exemplos são também um poderoso incentivo...

Monumento a Lourenço Peixinho

para lhe perpetuar a memória na Avenida que tem o seu nome

SUBSCRIÇÃO

Transporte	500$00
Francisco Augusto Duarte	1.000$00
Joaquim Gomes de Moura (Sabrosa)	50$00
José Tavares da Silva (Lisboa)	1.000$00
Soma	2.550$00

As quantias recebidas durante a semana, darão entrada, à segunda-feira, no Banco Regional.

Cartas a uma amiga de longe

Março, 1943

Minha querida:

Pedes-me sempre que te conte o que se vai passando por êste mundo civilizado, a ti, selvagem habitante das selvas africanas. Esta Europa actual, congregação de estados mais ou menos independentes, está de tal modo debilitada pelo frenético esfôrço quotidiano de matar que, minha filha, suporta todos os epitetos que lhe queiram dar, menos o de mundo civilizado.

Do europeu de antes da guerra, que esgotava os nervos e o organismo para polir os seus costumes e amansar a sua animalidade, ainda se podia falar como de homem civilizado; mas do europeu de agora, que se bate como fera e como ela é cruel e sangüinário, que queres tu que te diga? Estou a ouvir-te já, zangadíssima comigo, a pensares que me não lembro de que no velho continente há ainda quem se não *bata como fera*—o português, por exemplo. E' verdade e felizmente que assim é. Mas bem vês, minha querida, que a quietação bucólica dos tempos primitivos, também já se foi de cá e era essa dôce tranqüilidade, feita de paz, que creava ambiente aos grandes feitos, que mereciam ser contados para aí. Embora a humanidade se adapte a tudo, como a todos os ambientes se adaptam os animais domésticos, para esta situação trágica não há adaptação possível. E sem adaptação nem se civiliza, nem se progride. Serão ainda os europeus de agora, ferozes e sangüinários, merecedores de que lhes chamem *povo civilizado?* Matando-se uns aos outros, destruindo tudo o que de belo e rico existia, filho do génio, herança dos séculos, derrubando a civilização europeia, que consideração merecem os novos filhos do velho mundo? E' aos negros, êsses negros que vivem a teu lado e que realizam, sem atritos, um colectivismo exemplar, que agora podemos chamar civilizados! Enquanto nós destruimos, enquanto as multidões se esfalfam, êles esculpem, desenham, modelam, pintam por instinto e com engenho. A sua *barbarie*, mais em harmonia com o espírito do cristianismo, coloca-os actualmente muito acima de nós.

E agora, depois disto, dize-me lá quem lucra—se eu, ouvindo o que me contas da vida calma e arte engenhosa dos *teus* pretos, se tu, escutando o que te digo desta Europa em chamas e dos europeus ensandecidos...

Um abraço da

Zèmi

Os Passos

Este ano saiu, apenas, a procissão na freguesia da Vera-Cruz por, na segunda-feira, ter começado a chover de tarde.

Ficou, portanto, sem efeito a da Glória.

O ANIVERSÁRIO DE "O DEMOCRATA,,

noticiado por alguns colegas

De *O Figueirense*, da Figueira da Foz:

«O Democrata»

Conta mais um ano de vida, êste semanário de Aveiro, da direcção competente de Arnaldo Ribeiro.

Jornal de tradições republicanas e de acção combativa em prol dos princípios liberais, lê-se sempre com interêsse, mercê da boa orientação que lhe tem sido dada.

Do seu artigo comemorativo do aniversário, transcrevemos o final, para ilucidação dos que julgam vencer um jornalista digno dêste nome que não quer deixar-se vencer.

Segue a transcrição para concluir:

Depois de ler estas linhas significativas, so nos resta felicitar o timoneiro do *Democrata* e fazer votos para que os dois vivam muitos anos, tantos quantos deseja.

Do *Jornal de Albergaria*:

«O Democrata»

Êste nosso estimado colega de Aveiro, do qual é director o sr. Arnaldo Ribeiro, festejou a semana passada o seu 35.º aniversário.

Com um grande abraço de felicitações ao seu director, fazemos sinceros votos para que muitos mais aniversários venha a festejar.

Do *Concelho da Murtosa*:

O Democrata, de Aveiro, festejou mais um aniversário. Facto vulgar, noutros tempos, hoje representa sacrifícios que só os que lutam no mesmo campo sabem avaliar.

Ao director de *O Democrata*, o nosso amigo e desassombrado paladino dos interesses de Aveiro, sr. Arnaldo Ribeiro, os nossos parabens.

Do *Jornal de Sintra*:

A linda cidade de Aveiro, entre outros órgãos da Imprensa que muito a zelam e apregoam os encantos da afamada «Veneza de Portugal», conta com *O Democrata*, de que é director-proprietário o sr. Arnaldo Ribeiro. Pois êsse colega semanário, com o n.º 1773, de 27 do passado mês, entrou, com alegria, no seu glorioso 36.º ano de existência—*confiado nos melhores dias que hão-de vir*.

Felicitamo-lo sinceramente. E reiteramos-lhe amizade e estima, com votos de mais longa vida e prosperidades.

De *A Aurora do Lima*, de Viana do Castelo:

O Democrata, semanário em que Arnaldo Ribeiro pontifica, dirigindo-o com a competência que o caracteriza, entrou no 36.º ano. Aveiro, que tantas provas de amizade tem manifestado a Viana, comprovando essa amizade com o nome de Viana do Castelo numa das suas mais importantes artérias, tem no denodado campeão um dos mais estrenuos defensores e vigoroso paladino dos seus melhoramentos. No seu pôsto de bom combate, *O Democrata* vai singrando altaneiramente, arrostando com as dificuldades que atravancam o caminho da pequena imprensa.

A moralidade dos costumes—assim se exprime *O Democrata* no número comemorativo da passagem do seu aniversário—e o apego aos princípios pelos quais vem combatendo há 35 anos, a peito descoberto, e sempre na vanguarda, sem fraquezas nem esmorecimentos e—quantas vezes?—debaixo do fogo traiçoeiro do inimigo, são ainda um lógico motivo de desvanecimento ao preparar-se para seguir, sem hesitações, o mesmo trilho por onde tem enveredado.

Nestas linhas estão bem exaradas as qualidades do vigoroso jornalista, que é Arnaldo Ribeiro.

Felicitando-o sinceramente, muitas prosperidades desejamos ao seu querido jornal.

Da *Defesa de Espinho*:

«O Democrata»

Com o número de sábado transacto, entrou no seu 36.º ano de vida, êste apreciado semanário da capital do nosso distrito, patriòticamente dirigido pelo distinto jornalista e nosso prezado amigo sr. Arnaldo Ribeiro.

São do editorial de *O Democrata* do último número, estas significativas palavras: «...e devido à simpatia com que é acolhido tôdas as semanas, vai singrando esperançado nos melhores dias que hão-de vir».

Que a esperança do nosso stimado colega se transforme em realidade no mais curto prazo, eis os ardentes votos que formulamos, enviando um abraço de felicitações ao seu ilustre director.

Também outros colegas, como *O Despertar* e a *Gazeta de Coimbra*, *Ecos de Cacia*, *Defesa de Arouca*, *Notícias de Viana*, *Correio de Azeméis* e *Opinião*, de Oliveira de Azeméis, e o *Correio da Feira*, nos dirigiram amáveis felicitações, pelo que nos cumpre agradecer a gentileza de todos.

Quem nos quer acompanhar?

—o—

Desde segunda-feira que se acha depositada no Banco Regional de Aveiro a quantia de 500$00 com que êste jornal e a família do seu director subscreveram para um monumento a levantar na Avenida ao dr. Lourenço Peixinho, de saüdosa memória.

Está dito e redito o que Aveiro lhe ficou devendo, não sendo, por isso, necessário ocupar mais espaço com uma coisa que se vê, que todos os aveirenses conhecem ou devem conhecer. Dizem, porém, alguns, que talvez seja demasiado cêdo para essa homenagem. Desculpa de mau pagador... Não é. Quanto mais cedo, melhor. Depois um monumento, na Avenida, a Lourenço Peixinho além de constituir um dever de gratidão por ser a primeira obra de vulto em que se empenhou ao assumir, por eleição, a presidência da Câmara, embeleza-a. E nós precisamos de demonstrar aos vindouros que fomos reconhecidos, que não esquecemos o muito interêsse que dedicou ao engrandecimento da nossa terra, trabalhando por ela abnegadamente, até ao sacrifício.

Na hora da sua morte, no dia do seu entêrro, disseram cinco categorizados oradores, que dêle se despediram no cemitério, tudo quanto Lourenço Peixinho foi, exaltando o seu valor, as suas qualidades, as suas virtudes. Que mais será preciso para justificar a ideia que lançámos? Quem nos quer acompanhar na glorificação da sua memória, como merece? Eis a pregunta de hoje, que esperamos não deixem ficar sem resposta—seja ela qual fôr.

O TEMPO

A *patifa* da Primavera enganou-nos! Vá lá uma pessoa fiar-se nos poetas, se tudo é prosa enxertada em cantigas... E cantigas leva-as o vento...

A Primavera! Gostamos muito de a vêr prazenteira, a sorrir e a bailar ao sol. Mas banhada em lágrimas, a chorar tão copiosamente, como nos princípios da semana, ó Primavera—vai-te despir!...

Que, assim, és mais feia que a *triste feia*...

Feira de Março

Abriu ante-ontem o mercado anual que se realiza no Largo do Rossio com prolongamento até 20 de Abril.

O mau tempo impediu os feirantes de se instalarem à vontade, mas isso não deve ser causa de desânimo porque *a seguir à tempestade vem sempre a bonança*.

Os *stands* de amostras desapareceram por completo, o que não admira na época que estamos atravessando. Em compensação aumentaram as barracas para venda de artigos de utilidade e no recinto próprio não faltam divertimentos. Aqui, fica, à entrada, a barraca das farturas do Casal, que marca pelo arranjo, pela decência e pela qualidade das ditas, em que é perito o seu proprietário, como se constata pela vasta e escolhida clientela.

Lá mais para diante haverá festivais noturnos além de outros atractivos em preparação. Só resta que o tempo levante definitivamente para que gire o comércio sem peias nem contrariedades.

O papel

Estamos agora a gastar um papel ordinaríssimo, que não presta—dando fraca impressão. Todavia pagamo-lo por bom preço e é se quer!...

Desculpem os nossos leitores e tenham a certeza de que tão depressa o possamos adquirir melhor ele aparecerá.

Benemerência

Recebemos da Direcção da *Sociedade Recreio Artístico* 10$00 para os pobres protegidos pelo nosso jornal e mais 50$00 dum anónimo para serem distribuidos proximamente, sufragando a alma do dr. Lourenço Peixinho.

Agradecemos.

Serviços do correio

Lamentam-se alguns habitantes da cidade do atrazo a que anda sujeita a distribuição da correspondência nas áreas mais afastadas do centro e com certa razão. Não poderá a Administração Geral evitar que tal aconteça? Julgamos que sim e o remédio está para cá de Roma...

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Recreio Artístico

As comemorações do seu 47.º aniversário decorreram segundo o programa aqui publicado, sendo-lhe, porém, acrescentado um número que consistiu na inauguração do retrato do sr. Firmino Fernandes, sócio n.º 1 daquela colectividade, à qual tem prestado relevantes serviços desde a fundação.

Presidiu à sessão solene o sr. dr. António Cristo, como representante do sr. Governador Civil, secretariado pelo sr. dr. José Tavares, reitor do Liceu e José Pinheiro Palpista, presidente da Assembleia Geral, que primeiro usou da palavra, seguindo-se-lhe os srs. dr. David Cristo, dr. Luís Regala, João Andrade de Carvalho, José de Pinho e o homenageado para agradecer a honra com que o distinguiram e as referências amáveis dos oradores.

Durante a festa foram queimadas algumas dúzias de foguetes, tocando a Banda dos Bombeiros Guilherme Gomes Fernandes o hino do *Recreio*.

Já lá viram?

A propósito duma burla, agora descoberta, em que eram vendidos lingotes de chumbo por lingotes de estanho, e que o *padre veneno* atribue à guerra, diz-nos êste com todo o descaramento:

. . . .

Insisto no meu ponto de vista: do que a sociedade precisa não é de acabar com a guerra, é de regressar à espiritualidade dos seus actos. Uma sociedade sem espiritualidade é uma sociedade perdida. Tomemos um exemplo. Os que prégaram a República, antes de 1910, tinham na sua Fé a fôrça espiritual do seu Ideal Supremo.

Batiam-se pela República, não por interesse material, mas por ânsia espiritual de perfeição. E que foi que lhes aconteceu, após o triunfo da Rotunda que êles conseguiram, arriscando a vida? Esta coisa simples e absolutamente materialona: sôbre êles desabou a chusma rapace dos *adesivos*, dos que em vez de ideal tinham estômago, dos que viam na República, não a espiritualidade da sua pureza, mas a realidade dos seus interesses.

Na frente dêles não estava o Ideal, estava a Gamela. Em vez de lingotes de estanho, lingotes de chumbo... Os republicanos do sacrifício proclamavam, dentro da ingenuidade do seu idealismo: *o bom republicano não aceita lugares da República*. E os outros, os que haviam dado o salto sôbre o trampolim do triunfo, gritavam-lhe *ex-abundantia: tôda a política nos serve desde que nos sirva*. E transformaram-se todos em republicanos históricos...

* * *

São os mesmos de sempre. Conheci um sujeito que antes de 1910, era *irmão* do Senhor dos Passos da Graça e ia na procissão da Saúde com uma tocha de 4 arrateis. Em 1911 pertencia ao Registo Civil e andava a *caçar* os pobres nas ruas da cidade.

Vi-o outro dia, já velhote, mas ainda rijo, e pasmei do seu nacionalismo e do seu catolicismo. E lembrei-me do tempo em que êle oferecia ramos de flôres à Rainha Senhora D. Amélia, com o mesmo entusiásmo com que depois dava *vivas* ao seu chefe, dr. Afonso Costa.

São êstes que tornam possíveis os traficantes dos lingotes de chumbo por lingotes de estanho.

Pode um homem, na pureza dos seus princípios (aprováveis ou reprováveis) ascender às cadeiras do Poder e tentar realizar a sua obra. Inútil esfôrço! Os videirinhos não deixam. E os videirinhos são de todos os tempos e conjugam apenas um único verbo: comêr.

Ai! dos homens que se sacrificam por um Ideal! Que tortura de vida, que matagal de ciladas, que série de impropérios, que avalanche de injustiças desabam sôbre êles! São os Mártires da sua Ideia, as vítimas oferecidas em holocausto dos interêsses da sagrada Pátria.

Os outros...

Ah! Os outros!

Amontoam montanhas de lingotes de chumbo, e só os não vendem por lingotes de estanho, se os metem no Torel.

Se outro falasse nos *adesivos*! Mas hão-de concordar que, o *padre veneno* é descaramento de mais, pois até fundou um jornal—o *Diário da Noite*—arranjando para director, persuadido de que com isso o impunha aos republicanos, o coronel Manuel Maria Coelho—o tenente Coelho, da revolta do Pôrto, ou seja do tempo em que êle era monárquico da ponta dos pés à raiz dos cabelos.

Ai os videirinhos!...

E ai dos homens que se sacrificam por um ideal—como o *padre veneno*!...

Cêna de pugilato

Entre o velho republicano, sr. tenente-coronel César Amadeu da Costa Cabral, que em Aveiro reside há bastantes anos e é muito considerado, e o sr. Agnelo Regala, deu-se no último sábado, de tarde, na Papelaria Reis, um conflito, a que puzeram termo alguns freqüentadores daquêle estabelecimento, os quais ficaram estupefactos diante da inesperada ocorrência.

Teve origem num simples cumprimento e depois do sr. tenente-coronel Costa Cabral ter mostrado a sua estranheza por o sr. Regala lhe estender a mão esquerda em vez da direita.

A cêna, que se desenrolou após ligeira troca de palavras, foi rápida, sendo depois o assunto de tôdas as conversas com os respectivos comentários, devido à futilidade que a provocou.

«Mi-Carême»

O baile que costuma levar a efeito na quarta-feira da *Mi-Carême* o *Club Mário Duarte* realiza-se, êste ano, no Pavilhão Municipal do Rossio, sendo abrilhantado pela *Orquestra-Jazz Columbia*, de Espinho.

Agradecemos o convite.

Crónica alfacinha

A GUERRA

A guerra! E' êsse monstro horrendo que assola o mundo; é o objecto máximo da destruïção, a ruina da humanidade.

Corre o sangue em ondas loucas; tombam corpos robustos e cheios de esperanças; misturam-se nos campos de peleja homens de brio com viciosos.

De olhos vendados, ouvidos surdos, bôca a espumar de ira, a guerra avança sempre, atravessa cidades opulentas e aldeias humildes, destruindo quanto encontra no caminho— nada a detem. Nem os milhares de órfãos que lhes imploram clemência, nem centenas de viúvas tristes, nem noivas gentis com corações desfeitos.

Ela derruba templos imponentes que o homem construiu com infinita paciência, sem descanso, em anos de trabalho; desfaz lares onde se albergavam famílias úteis ao mundo; queima campos onde se semeava o pão.

E afinal, é para ela que o homem tem trabalhado tanto. E' por ela que êle perde noites, estudando inventos. Ele fabrica armas e mais armas, aviões mais rápidos, tancks mais pesados, submarinos velozes, minas, etc.

Poupa-se o material necessário à construção de obras pacíficas para que êle mate a humanidade.

Mas desde o mais pequenino ao mais velho, todos pensam nela. As crianças brincam às guerras, de espingarda ao ombro fingem matar o adversário, e os velhinhos, já tropegos, quando ouvem contar tristes episódios, exclamam:

—Se eu fôsse mais novo eu lá havia de estar.

Vêde os brinquedos dos petizes: espingardas, canhões, aviões, tanks!

E exclamam os homens dêsses mesmos paízes que a iniciaram

—Queremos pão!

Como? Se os campos estão completamente destruidos?

Vejamos se em vez de inventarem um aparelho de guerra há algum benemérito que invente um aparelho de paz, ou a forma de produzirem mais trigo em abundância sem ser num campo...

Mas mesmo que depois da guerra ficassem campos aproveitáveis, onde estavam os braços fortes para os trabalhar?

A guerra é a grande catástrofe dos povos, é o abismo onde o mundo se despedaça.

Como evitar tão terrível flagelo?

A mulher, que tem uma inteligência refinada, ama perspicácia desenvolvida, uma astúcia mais estudada, que faça o apostolado da paz.

Mães, esposas, irmãs, namoradas—propagai a paz!

Incuti no espírito dos homens que vos rodeiam e são queridos, o horror à guerra! Fazei todos os esforços para que êles amem a paz.

Eis-nos na Primavera. Mas que triste é esta de 1943! Até o ceu, a pesar de azul, nos parece côr de chumbo!

Oxalá que, em breve, reine em todo o mundo a verdadeira primavera da paz —o amor fraternal.

de Palermo

Ponte de Angeja

Muito oportuno e interessante um artigo publicado pelo sr. dr. Ricardo Souto no *Jornal de Albergaria*, em que são focados dois pontos: a origem do nome, que diz dever-se conservar, e a grandiosidade da obra, prestes a concluir-se.

A nova ponte, cujos trabalhos vão adiantadíssimos, mede 272 metros de comprido e é um dos grandes melhoramentos com que o Estado Novo dotou a nossa região.

Pelo teatro

Está assente a vinda a esta cidade da Companhia do Teatro da Trindade, que ultimamente, no Sá da Bandeira, do Pôrto, recebeu fartos e nutridos aplausos.

A Companhia, com Alves da Cunha à cabeça, e com elementos também já conhecidos do nosso público, como Brunilde Judice, Berta de Bivar, Madalena Souto e tantos outros que na cêna têm brilhado, dará dois espectáculos no Teatro Aveirense com as peças *A Mulher Legítima* e *Envelhecer*. A da estreia, original do consagrado dramaturgo hungaro Bokay, dizem-nos ser duma alta finalidade social, cheia de ensinamentos e recheada duma sã moral.

Aguardamos, pois, poi considerarmos essas peças de muita utilidade educativa.

Visitai o Parque da Cidade

A "Viúva Alegre,,...

Está, na Inglaterra, ressuscitando, pela quinta vez, desde que ali foi à cena, em 1907, esta famosa opereta que recorda uma época, já distante, da vida de prazeres da mais elegante e galante cidade do mundo—a Viena das comédias e tragédias e valsas de amor, a Viena, livre e feliz, do Danúbio Azul.

Os novos amam a novidade e a vivacidade, que não envelhece, da sugestiva música e da alegria da *Viúva Alegre* e os velhos têm saüdades daqueles tempos tão outros dos de hoje. Festas de alegria, de ilusões irão assim distrair os britânicos da labuta e das preocupações da guerra.

O papel do General Popoff vai ser, mais uma vez, desempenhado por quem o desempenhou, pela primeira vez, na Inglaterra, já lá vão 36 anos.

Os britânicos, tradicionalistas e conservadores, limpam, por umas horas, o suor, lágrimas e sangue da guerra, e vestem-se, como nos bons tempos, para irem assistir às aventuras dessa Viúva Alegre, cheia de alegria e incapaz de matar uma mosca.

Fez em princípios do mez passado um ano que também assistimos, no Coliseu do Pôrto, a mais uma representação da conhecida opereta. Que noite essa, pelas recordações que nos deixou!...

Operários da Construção Civil

Tendo passado no dia 19 o 3.º aniversário do Sindicato dos Operários da Construção Civil do Distrito de Aveiro, festejou-o a sua Direcção com uma sessão, à noite, no Teatro Aveirense, que se encheu, e de cujos camarotes, além da bandeira nacional, pendiam as de todos os sindicatos agremiados.

Presidiu o sr. Governador Civil e estiveram também presentes as autoridades civis, militares e eclesiásticas que foram convidadas.

Depois de falarem os srs. engenheiro José Pereira Ataíde e padre Abel Condesso, exibiram-se vários filmes.

Notas Mundanas

Aniversários

Fez anos, no dia 19, o sr. Alvaro Francisco Morais, da importante firma Belo & Morais; hoje, fd-los, a gentil Maria Helena Campos Corte-Real, filha do sr. Luís de Mendonça Corte-Real; âmanhã, a sr.ª D. Lígia Ala dos Reis, interessante filha do sr. Domingos João dos Reis Júnior, farmaceutico no Entroncamento, e o sr. Lino Costa, ajudante do consultório deniário do sr. dr. Pompeu Cardoso; no dia 29, a sr.ª D. Maria José Pinheiro da Cunha, esposa do sr. capitão Manuel Lourenço da Cunha, o sr. António Vicente Ferreira, tesoureiro da Câmara Municipal, e o estudante João Mendes Leite de Almeida, filho do sr. general João de Almeida; em 30, a sr.ª D. Irene dos Santos Cruz, professora oficial e esposa do sr. Francisco Simões Cruz, empregado na Agência do Banco de Portugal; em 1 de Abril, as sr.ªs D. Rosa Ferreira dos Santos e D. Maria da Conceição Lares Pina Reis, esposa do sr. dr. Hermes Ala dos Reis, proprietário da Farmácia Ala, a inocente Maria Adozinda Gamelas Cardoso, filhinha do sr. dr. Vitorino Cardoso, tenente-médico de Infantaria 10, actualmente nos Açores, e os srs. dr. Carlos Vidal, médico na Costa do Valado, e capitão Casimiro Marques; e em 2, a gentil D. Maria Esabeth da Cruz Marques, filha daquele oficial, e a menina Marília Zaira F. de Sousa, filha do sr. Reinaldo Neto de Sousa, chefe da Secretaria Judicial de Penafiel.

Casamentos

Na igreja de S. Gonçalo efectuou-se, domingo, o enlace da sr.ª D. Albertina da Maia Padua, gentil filha do sr. tenente António Padua e Silva, com o sr. Joaquim Marques da Silva Rola, filho do industrial do mesmo nome, de Cortegaça (Ovar).

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, sua irmã a sr.ª D. Salomé Padua Pereira e o sr. Manuel Maria da Silva Torrão, da Murtosa, e pelo noivo, a sr.ª D. Tereza da Silva Rola e o sr. Florindo Coutinho.

A cerimónia, revestida de solenidade, assistiram diversos convidados, aos quais foi servido um opíparo almôço, findo o qual se fizeram brindes.

Aos noivos desejamos, como são merecedores, um futuro perene de venturas.

—Também no mesmo dia teve lugar, na Repartição do Registo Civil, o consórcio da interessante tricaninha Suzana Ferreira Pires, que tanto se distinguiu na representação da fantasia regional Molho de Escabeche, com o sr. António Inácio das Neves, da Gafanha da Nazaré.

Apadrinharam o acto o pai da noiva sr. Adriano Alberto Pires e o sr. dr. Domingos Vicente Ferreira, e depois do almôço servido aos convidados, os nubentes partiram para Coimbra onde passaram a lua de mel.

Desejamos-lhes felicidades.

Partidas e Chegadas

Com sua esposa veio passar alguns dias à sua casa de Esgueira, o sr. José Tavares da Silva, residente na capital.

Banda Amizade

Foram eleitos os seus corpos gerentes para o corrente ano, ficando assim constituidos:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, P.e António Estêvão da Encarnação; *1.º secretário*, Alberto Casimiro da Silva; *2.º*, José Amaro de Lemos.

DIRECÇÃO

Presidente, João Luís de Rezende Júnior; *vice-presidente*, José Gamelas; *tesoureiro*, António Limas Júnior; *1.º secretário*, Adolfo Pedro Ferreira; *2.º*, António Leal; *vogais*, João dos Santos Moreira, Otelo Marques Soares e Elias Paula.

Carta de Lisboa

Agradecimento compreensível

A recepção dispensada pelos trabalhadores vidreiros da Marinha Grande ao sr. dr. Trigo de Negreiros, ilustre Sub-Secretário das Corporações, traduz bem e de maneira eloqüente, o agradecimento sincero e de todo o ponto compreensível, dos trabalhadores, p elos muitos benefícios recebidos do Estado Novo.

De resto, fàcilmente se percebe que assim seja, se tivermos presentes as muitas e extraordinárias regalias dispensadas pela nova Ordem corporativa a quantos trabalham.

Com razão, pois, o sr. dr. Trigo de Negreiros, ao terminar o discurso com que agradeceu a homenagem que lhe era prestada, pôde dizer:

«Trabalhadores: Na hora difícil que atravessamos, pesam sôbre todos os portugueses grandes responsabilidades. No meio de uma Europa a braços com as maiores dificuldades, depois de 42 meses da mais terrível guerra que regista a História, nós disfrutamos de relativo bem-estar e de uma invejada normalidade de vida. Não devemos, porém, criar a ilusão de uma imunidade absoluta à guerra e aos seus inevitáveis reflexos, reagindo contra a organização corporativa, porque êste ou aquêle género de primeira necessidade escasseia ou não aparece à venda na quantidade desejada. Não! Esperam-nos sacrifícios e restrições inevitáveis. E para vencer as dificuldades reduzindo ao mínimo os sacrifícios, há um único processo—e êste já foi indicado: trabalhar e produzir cada vez mais.»

E acrescentou:

«No trabalho e na disciplina assentam a existência de bens que não têm preço— a tranqüilidade e a paz em que Portugal tem vivido—e, perante êstes, não têm valor as restrições e os sacrifícios suportados.

Mas hoje, como ontem, e como sempre, os trabalhadores portugueses saberão cumprir o seu dever, sujeitando-se voluntàriamente com alegria à disciplina e ao trabalho, e assim afirmarão a sua confiança nos destinos da Pátria.»

Palavras certas e oportunas, elas devem constituir mandato imperativo não só para os trabalhadores da Marinha Grande, como para todos os trabalhadores de Portugal.

Política do Espírito

O S. P. N. acaba de prestar mais um grande serviço à Política do Espírito, com a realização no seu estúdio da notável exposição do pintor Luciano que tôda a crítica recebeu como um grande acontecimento artístico, e como uma autêntica e completa revelação de mais um grande pintor português.

Sem o auxílio do S. P. N., sem a magnífica e benemérita Política do Espírito, é bem possível que esta exposição, como tantas outras, não tivesse sido possível.

A revelação do novo pintor que, chegado, há pouco, tem já lugar de relêvo marcante, foi, em grande parte, obra dessa tão admirável e completa obra do Estado Novo.

CORDEIRO GOMES

PESCADORES, GENTE DE PORTUGAL!

Vai partir, de novo, para os bancos da Terra Nova, a nossa Frota da Paz. Frota da paz e da abundância, que não leva a morte nas suas munições—antes traz a vida no seu regresso. Serão duras, quiçá, as fainas, longos os caminhos do mar a percorrer, violentas as tempestades que terão de suportar, mas são os tripulantes marinheiros de têmpera portuguesa, valentes e trabalhadores, com o pensamento na Pátria e nos que ficam, alimentados pela esperança da saüdade do regresso ao lar. Portugal ficará, mais uma vez, agradecido aos pescadores de bacalhau, que partem com lágrimas na alma—lembranças da família e recordações da terra.

E' a sua obrigação.

Exposição dum projecto

Na montra do *Jardim das Modas* encontra-se patente ao público a planta do Teatro Cine Royal de Aveiro (aquele *Royal* podia muito bem desaparecer, que não fazia falta) e para o qual foram adquiridos terrenos na antiga Rua da Fábrica.

Se a obra fôr por diante augura-mos-lhe as maiores vantagens para Aveiro e para a empresa.

O arroz

O arroz é das gramíneas mais indispensáveis na alimentação diária.

Cosinhado de mil e uma maneiras, como o bacalhau, o arroz é prato indispensável desde a ementa restrita dos doentes até ao prato de cerimónia nas mesas mais abastadas.

Serve também ao *caldo do pobre*, das misericórdias e instituïções de beneficência particulares. E' ainda a alimentação-base das escolas e asilos.

Numa palavra: é sustento do povo português!

E como o *produzir* assegura a vida da nação, o alargamento da cultura do arroz é indispensável à economia do país.

Intensifiquemos, por isso, a cultura dos arrozaes, já que os serviços técnicos do Ministério da Economia asseguram a quantidade de sulfato de amónio necessário à cultura do arroz: *urgente necessidade nacional!*

E por isso que é alimento indispensável em tôdas as mesas, deve, por outro lado, cada um abastecer-se moderadamente, tendo em conta que os milhões de portugueses que dêle necessitam têm idênticos direitos e que é igualmente criminoso o comerciante que ilegalmente assambarca, ou o consumidor egoísta que esquece os seus semelhantes.

Á MARGEM DA GUERRA

DOIS OFICIAIS RECORDAM A RESISTÊNCIA DE UM COMBÓIO NAVAL AMERICANO AOS ATAQUES DE AVIÕES INIMIGOS

NECROLOGIA

No Hospital onde se encontrava em tratamento duma grave enfermidade, finou-se, domingo, às primeiras horas da tarde, a sr.ª D. Maria Deolinda dos Reis Sousa, irmã do sr. Francisco Porfírio da Silva e esposa do nosso amigo Abel Pedro de Sousa, com quem casara, em segundas núpcias, há pouco mais de um ano, não deixando descendentes.

A extinta, que adoecera no Pôrto, onde residia, contava 56 anos e aliava à vivacidade do seu espírito predicados que lhe grangeavam inúmeras simpatias.

O seu enterro realizou-se no dia seguinte da igreja de Santo António, saindo o cadáver, ali depositado, para o cemitério central com grande acompanhamento.

Ao viuvo e de mais parentes da extinta, as nossas condolências.

* * *

Ante-ontem de madrugada sucumbiu aos estragos duma doença intestinal o antigo e honrado comerciante sr. Francisco António Meireles, que também noutros tempos se dedicou ao jornalismo, tendo fundado o semanário *Vitalidade* e feito parte da redacção do *Oportunista*, êste de vida efémera.

Francisco Meireles, que presidia ao Conselho Fiscal da Associação de Socorros Mútuos das Classes Laboriosas, à qual prestou óptimos serviços, era natural de Moncorvo, contava perto de 76 anos e o seu cadáver foi a enterrar no cemitério central.

Aos nossos amigos José e Nuno Meireles; às sr.as D. Angelina, D. Eduarda, D. Clara, D. Etelvina, D. Noémia e D. Lígia Meireles e aos srs. Miguel e Hermenigildo Meireles, todos filhos do extinto, aqui deixamos exarado o nosso pesar.

* * *

Em Lisboa, para onde fôra viver quando nova, deixou agora de existir, com 72 anos, a nossa conterrânea sr.ª D. Amélia Pinho das Neves, que há muito tinha enviuvado.

Deixou um único filho, o nosso amigo Adelino dos Santos, funcionário dos C.T.T., era tia dos também nossos amigos Carlos e Gervásio Aleluia e o seu cadáver foi sepultado no cemitério do Alto de S. João.

Sentindo o desgosto por que acaba de passar Adelino dos Santos, acompanhamo-lo, e a tôda a família, no luto que os envolve.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, João de Matos, casado, de 83 anos; em *Esgueira*, Benedita Mateus de Lima, viúva, de 36, e em *Aradas*, Adriano António, casado, de 54.

Atenção para a 4.ª página

S. R.

JUNTA DE FREGUESIA DE OLIVEIRINHA — AVEIRO

Movimento da Receita e Despeza conforme o orçamento aprovado de 1942

RECEITA

Saldo do ano anterior . . .			40$47
Receita Ordinária			
CAPÍTULO I — TAXAS — Rendimentos de diversos serviços			
Cemitério Paroquial			
Vendas de terreno para sepulturas	660$00		
Abertura de covais. . . .	405$00	1.065$00	
Mercados e Feiras			
Aluguer de terrenos e barracas nos mercados dos dias 7 e 21 de cada mês		9.512$50	10.577$50
CAPÍTULO II — Rendimento de bens próprios			
Rendas de casa	628$30		
Cobrança de foros	218$00		
Rendimento de areias pelos adobos fabricados.	767$00		1.613$30
CAPÍTULO III — Subsídios			
Subsídio da Câmara Municipal dêste concelho nos têrmos do Art.º 641 do Código Administrativo			12.000$00
Receita extraordinária			
CAPÍTULO IV			
Produto da venda de um álamo e vergonteas provenientes da poda de árvores		50$00	
Produto da venda de uma parcela de terreno para efeitos de alinhamento		490$00	
Produto na venda de limpeza de valetas		1.085$00	
Produto da venda de azeitona .		47$00	
Taxas cobradas pelo aluguer do piso do Largo da Feira para efeito de secagem de junco. .		15$00	1.687$00
			25.918$27

DESPEZA

CAPÍTULO I — Secretaria		
Despezas com o pessoal		
Gratificação a um encarregado dos serviços de secretaria desta Junta	420$00	
Aquisições de utilização permanente		
Madeiras, vidros e outros materiais ou artigos de construção para reparação na sede desta Junta	359$20	
Artigos de consumo corrente		
Despezas de expediente e impressos, publicações, etc. . .	537$30	
Seguros, contribuïções e policiamento		
Seguros de propriedades paroquiais, contribuïções a que estão sujeitas e serviço de polícia nas feiras	156$80	
Outros serviços e encargos		
Despeza de representação, recepção e festas	154$75	1.628$05
CAPÍTULO II — Instrução		
Diversos serviços e encargos		
Renda de casa do Pôsto de Ensino do lugar da Granja . .	400$00	
Renda de uma casa onde funcionou temporàriamente a escola do sexo masculino da Costa do Valado	60$00	
Reparação e conservação de edifícios escolares desta freguesia .	1.476$05	1.936$05
CAPÍTULO III — Cemitério		
Despezas com o pessoal		
Abertura de covais a indivíduos falecidos na fregueguesia e limpeza do cemitério paroquial .		390$00
CAPÍTULO IV — Feiras e Mercados		
Despezas com o material		
Conservação e reparação de barracas		99$00
CAPÍTULO V — Diversas Obras		
Pessoal assalariado		
Jornaleiros a dias para reparação de estradas, caminhos e outras obras de interesse da freguesia	2.823$99	
Conservação e aproveitamento		
Reparação e conservação de diversas propriedades paroquiais, de estradas e caminhos da área desta freguesia	10.297$00	
Reparação e conservação de fontes e lavadouros desta freguesia	2.847$10	15.968$09
Saldo para o ano seguinte (*) .		*5.897$08*
		25.918$27

(*) Este saldo destina-se ao pagamento das obras de reparação e conservação de fontes e lavadouros, já em curso, e adjudicadas em 20 de Dezembro de 1942

O Presidente — RAFAEL SIMÕES

O Escrivão — MANUEL DE ALMEIDA REBELO

Agradecimento

ROSA FERREIRA DOS SANTOS, agradece, muito reconhecida, a tôdas as pessoas que se dignaram assistir ao funeral de sua saudosa Mãe e a acompanharam em sua grande dôr, pedindo desculpa de qualquer falta que involuntàriamente tivesse cometido.

Aveiro, 17 de Março de 1943

Agradecimento

José Perestrelo Botelheiro e filhos, não querendo cometer alguma falta involuntária no agradecimento a tôdas as pessoas que o acompanharam na enorme desgraça que tão profundamente os feriu com a morte inesperada de sua mulher e mãe, fazem-no por êste modo, mostrando-se muito reconhecidos.

Aveiro, 24 de Março de 1943.

Regimento de Cavalaria 5

Anúncio

2.ª Praça

O Conselho Administrativo dêste Regimento, faz público que no dia 12 do próximo mês de Abril, pelas 14 horas, na sala das sessões do mesmo Conselho Administrativo, se procederá à arrematação em hasta pública das rações de verde para os solípedes do Regimento de Infantaria n.º 10, pelo espaço de 20 a 30 dias.

As propostas, feitas em papel selado da taxa em vigor segundo o modelo do caderno de encargos, serão apresentadas neste Conselho Administrativo até à abertura da praça, em cartas fechadas e lacradas acompanhadas da caução provisória de cem escudos (100$00).

O caderno de encargos está patente todos os dias úteis, das 10 às 17 horas, na secretaria do Conselho Administrativo.

Quartel em Aveiro, 22 de Março de 1943.

O tesoureiro,
António Pedro Carretas
Tenente

Perdeu-se saca com roupa de criança, entre Quintans e a Moita da Oliveirinha. Gratifica-se quem a entregar a Júlio César da Silva, factor da C. P.

Produzir o poupar é assegurar o futuro da nossa economia.

A criação de coelhos tem permitido remediar em parte a falta de carnes.

Uma exploração caseira com três fêmeas e um macho garante uma boa refeição semanal de carne.

A carne do coelho é de valor alimentar superior à dos outros animais domésticos —frango, porco, vitela ou vaca—é de fácil digestão e tolerada por estômagos fracos e doentes.

Comarca de Aveiro

— o —

AVISO

2.ª publicação

Por êste Juízo de Direito, 1.ª Vara e 1.ª Secção, chefe Cristo, e nos autos de acção para reforma de titulos perdidos, em que é autor Lourenço Vicente Ferreira, casado, proprietário, de Aveiro, e reu o Banco Regional de Aveiro, é por êste meio convidada qualquer pessoa que esteja de posse de 2 titulos que foram perdidos, do Banco Regional de Aveiro, de 10 acções cada, respectivamente com os números 2074 a 2083, e 2084 a 2093, no valor nominal de 1.000$00 cada, que se encontram averbados em nome daquêle Lourenço Vicente Ferreira, no Livro n.º 1 do registo de acções nominativas daquêle estabelecimento bancário, a vir apresenta-los em Juízo, nos termos do disposto no art.º 1071 (alínea a) do Código do Processo Civil.

Aveiro, 18 de Março de 1943.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 1.ª Vara

Perestrello Botelheiro

O Chefe da 1.ª Secção da 1.ª Vara,

Julio Homem de Carvalho Cristo